

Evoé, Agostinho da Silva!

Adélia Borges

Agostinho teve um papel seminal na criação de pontes entre Europa, África e América. Nasceu no Porto em 1906. Com apenas 23 anos obteve o doutoramento na Universidade do Porto com a tese "O Sentido Histórico das Civilizações Clássicas". Em seguida estudou na Sorbonne e no Centro de Estudos Históricos de Madri. De volta a Portugal, passou a atuar em educação, colaborava na revista Seara Nova e escreveu livros. Preso pela polícia política salazarista em 1943, no ano seguinte cruzou o Atlântico para se auto-exilar no Brasil. Aos 37 anos de idade, já era um intelectual plenamente reconhecido.

A liberdade – de pensamento e de ação – parece uma bússola a nortear sua trajetória. É difícil dar conta, dentro dos limites de tamanho desse texto, de uma figura tão multifacetada como ele, capaz não só de somar diferentes áreas de interesse como de oferecer contribuições originais e efetivas em vários campos do conhecimento. Para se ter uma ideia, o período de 25 anos em que permaneceu no Brasil junta fatos tão díspares como o estudo de entomologia no Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, à criação de uma comunidade "pré-hippie" em Penedo, numa região montanhosa entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Tão nômade quanto um cigano, deixou suas marcas em vários lugares do país. Vou me limitar a três. Em 1952, foi para João Pessoa, no Nordeste brasileiro, região mais pobre do país, para colaborar na criação da Universidade Federal da Paraíba. Ali encontrou uma elite desejava de uma "escola lhes desse a cultura da Europa e da América, ou pelo menos a do Rio de Janeiro ou de São Paulo" e contrapôs, não sem enfrentar resistências, "a cultura do sertão", "a dos cantadores das feiras, das festas populares, trajos, cantos", na qual constatou uma "capacidade inventiva extraordinária".

No lado oposto do país, no sul, em 1955 foi a Florianópolis implantar a Universidade Federal de Santa Catarina, e considerou que ali "o importante

não era a cultura literária, a pintura ou a música erudita que se devia dar ao povo", e se interessou "muito mais por cursos de costura, de corte, cursos sobre a forma de cozinhar melhor com o mesmo dinheiro, enfim cursos para dar comida mais nutritiva ao marido e filhos, adaptação de roupas, fabrico de brinquedos, etc. – uma porção de atividades que eu pus exatamente como cultura."

Uma de suas contribuições mais efetivas se deu em Salvador, para onde foi a convite de Edgar Santos, um homem notável, então reitor da Universidade Federal da Bahia. Numa das cidades brasileiras com maior porcentagem de negros na composição populacional, ele criou em 1959 o Centro de Estudos Afro-Orientais – inaugurado na emblemática data de 21 de abril, dia em que, no século 18, foi executado Tiradentes, o patrono da independência brasileira, a mando da Coroa portuguesa. Até a atualidade essa é a mais importante e ativa instituição brasileira de estudos africanos.

Não o guiava uma mera produção acadêmica, mas uma produção de conhecimento vinculada à prestação de serviços para a sociedade. Em relatos no livro "A Vida Conversável" – fonte das aspas utilizadas até aqui –, ele conta que uma das experiências mais transformadoras de sua vida se deu na Paraíba. Ali ele diz ter se libertado da "armadura" de ser português, ao mesmo tempo em que descobria "aquele Portugal que eu precisava compreender", que existira antes "da fratura da coluna vertebral que tinha se dado em Portugal com a introdução das ideias europeias".

Em vários textos Agostinho da Silva distingue a Península Ibérica do restante da Europa, atribuindo-lhe a capacidade de tolerância dos diferentes, devida, em grande parte, ao convívio com árabes e mouros durante oito séculos. "O português é plural e na sua pluralidade é que ele tem que se afirmar". Já o Brasil "é um modelo de futuro quanto à mistura de populações e ao gosto de se encontrar um dia uma cultura de cada um". Essas duas frases foram retiradas do documentário "Agostinho da Silva – Um Pensamento Vivo", que recomendo vivamente. Ele foi realizado em 2006 pelo cineasta baiano João Rodrigo

Mattos, que vem a ser seu neto (do casamento de Agostinho com a ecóloga Judith Cortesão). Disponível no YouTube, nele há depoimentos de nomes como Mário Soares, Manoel de Oliveira, Caetano Veloso e Gilberto Gil, pelo lado brasileiro.

As obras completas de Agostinho são esperadas para breve no Brasil, pela editora Editora É Realizações, num trabalho coordenado pelos professores Amon Pinho, brasileiro, e Romana Valente Pinho, portuguesa, ambos referências fundamentais quando se fala do mestre. O brilhante ensaísta brasileiro Eduardo Gianetti da Fonseca dedicou ao filósofo um dos textos de seu último livro ["O Elogio do Vira-Lata e Outros Ensaio", 2018, Companhia das Letras].

Trato de algumas das contribuições de Agostinho no entendimento das semelhanças e diferenças entre Portugal e Brasil no ensaio que escrevi para o catálogo da "Tanto Mar", a ser lançado em breve pelo MUDE. O que me interessa em seu pensamento e em sua vida é o que eles indicam para o nosso estar no mundo – e intervir nele – aqui e agora.

Hoje se fala muito em "descolonização do pensamento" e no que o "Sul Global" – ao qual, na visão de muitos, Portugal pertence historicamente – pode oferecer ao concerto das nações. Agostinho antecipou muitas dessas visões, especialmente no âmbito da integração entre os países de língua portuguesa. Em meados dos anos 1960 ele idealizou o Museu do Atlântico Sul, que teria uma perna em Lisboa, outra em Salvador e outra na África, provavelmente Cabo Verde. Visionário e absolutamente contemporâneo, esse projeto não chegou a sair do papel. Quem sabe no futuro próximo possa vir a ser implantado, ajudado por várias iniciativas recentes, entre as quais esta revista. Pois, como diz ele em "Vida Conversável", "foi de lá, do Brasil, que eu vim com essa ideia, de que de muita coisa não se pode dizer vamos fazer amanhã, porque já deveria ter sido feita ontem e, por isso, há que começar de qualquer maneira, se não houver condições, inventam-se." Evoé, Agostinho!



Priscilla Baltar
Brasil

No decorrer de 2016 e 2017 tive a oportunidade de me debruçar em leituras a respeito das trocas entre Brasil e Portugal no campo da cultura material, graças ao convite de Bárbara Coutinho, diretora do Museu de Design e Moda de Lisboa (MUDE), para integrar, a seu lado, a curadoria de uma exposição a esse respeito. "Tanto Mar – Fluxos Transatlânticos do Design" ocupou o Palácio da Calheta, em Belém, entre março e julho de 2018. Do meu lado, um dos frutos mais marcantes desse trabalho foi a possibilidade de conhecer um pouco da atuação do filósofo e ensaísta Agostinho da Silva, um nome incontornável quando se fala dessas trocas e, mais, quando se fala de uma contribuição original que nossos países, e os africanos, podem oferecer ao mundo.